



Vínculo da Abelheira.

Nuno Gonçalves Botelho, Vila Franca do Campo (Ilha de São Miguel, Açores), 1504.

Nuno Gonçalves, ou Nuno Gonçalves Botelho, foi o primeiro homem que nasceu na Ilha de São Miguel, nos Açores (RODRIGUES, 2008: 31). Era filho de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, “tronco dos Botelhos nos Açores, um dos mais antigos povoadores da Ilha de São Miguel, para onde veio com sua mulher e alguns dos filhos”, cerca de 1450 (FRUTUOSO, 1977: vol. 1, cap. 4, 53; FELGUEIRAS GAIO, 1938: 118). Gonçalo, filho de Pero Botelho, comendador-mor da Ordem de Cristo, foi um dos homens da Casa do Infante D. Henrique que integrou o grupo liderado por Gonçalo Velho Cabral, iniciador do povoamento do grupo oriental do Arquipélago. Era chamado o Grande, por assim ele o ser “no corpo e condição” (FRUTUOSO, 1977: vol. I, 54). Foi o primeiro ouvidor do capitão do donatário na ilha de São Miguel, tendo liderado a criação do município de Vila Franca do Campo. Comemorando esse facto, foi colocada, em 1954, frente ao Paços do Concelho da cidade, uma estátua sua da autoria do escultor Canto da Maia. Esta estátua inclui um baixo-relevo representando o seu descendente Nuno Gonçalves Botelho de Arruda Coutinho e Gusmão (1813-1879), 1º visconde do Botelho (MENDES, 2018: 19).

Ignora-se a data de nascimento de Nuno Gonçalves Botelho, e quase nada se conhece da sua vida. Sabe-se que foi escudeiro, que casou com Catarina Rodrigues, a que alguns genealogistas acrescentam Coutinho, e viveu em Rosto de Cão. Fez vínculo de terras, perto de Vila Franca do Campo, junto da Ribeira da Abelheira, por seu testamento, datado de 13 de Outubro de 1504. Nestas terras será edificada a Ermida de Nossa Senhora da Vida pelo seu descendente, o capitão-mor de Vila Franca, fidalgo da Casa Real, Francisco de Arruda Botelho, batizado na Matriz de Ponta Delgada em 1630 (RODRIGUES, 2008: 34).

Sucedeu no morgadio instituído por Nuno Gonçalves Botelho o seu filho, morgado Jorge Nunes Botelho, cavaleiro fidalgo, que esteve em Tânger e Arzila em 1510 e 1511 e casou com Margarida Travassos Cabral (RODRIGUES, 2008: 32). Foi-lhe concedido brasão de armas dos Botelho dos Açores em 1533 (o original da carta régia permanece no arquivo familiar).

No arquivo da família Botelho de Gusmão, ainda na posse dos seus descendentes, na Ilha de São Miguel, encontra-se o original da pública forma do testamento de Nuno Gonçalves Botelho, com a data de 21 de Outubro de 1504. É constituída por sete fólios, a que se acrescentou um oitavo, com a indicação “Testamento de Nuno Gonçalves Botelho, o Velho, marido de Caterina Rodrigues”, sobretudo com funções de proteção do documento, depois de dobrado em quatro, como sucedia frequentemente no tempo. Nele indica-se que a viúva “requereu [ao juiz] que lhe mandasse asy dar o trellado do dito testamento em publica forma, pera ella todo ver he mandar comprir ha vontade do testador” (AFBG, “Pública-forma do testamento...”, fls. 1v-2).

A pública-forma assume grande importância neste caso, visto que a integridade do original deve ter desaparecido há muito. Este facto é patente no ofício enviado, a 4 de Outubro de 1867, pelo Governador Civil de Ponta Delgada, Félix Borges Medeiros, a requerimento do descendente de Nuno Gonçalves Botelho, o Comendador Morgado Nuno Gonçalves Botelho de Arruda Coutinho e Gusmão (RODRIGUES, 2008: 36), último administrador do vínculo, solicitando o registo de morgadios de que era possuidor (ANTT, Morgados e Capelas, Vínculos, Ponta Delgada, n.º 23).

O documento, ostentando a mesma data, que acompanhava o ofício, fora elaborado em cumprimento do disposto na Carta de Lei de 30 de Julho de 1860, que estabelecia a reforma vincular. A aceitação da pública-forma, neste trâmite administrativo formal, comprova a autenticidade e veracidade deste documento secular.

No ponto do testamento referente à instituição, indica-se que Nuno Gonçalves Botelho, para descargo da sua consciência, toma da sua terça a terra que está em Vila Franca (AFBG, “Pública-forma do testamento...”, fl. 6). Esta terá mais ou menos um moio e meio de trigo em sementeira e confronta, por um lado, com a Ribeira da Abelheira e, por outro, com terras de seu irmão João Gonçalves Botelho. Com a renda desta terra, em fatiota (isto é, em aforamento perpétuo), deveria ser celebrada uma missa por semana (RODRIGUES, 2008: 31; 75).

Essa missa seria dita na capela de seu falecido pai, da primitiva Igreja de São Miguel, em Vila Franca do Campo, onde o testador deseja ser enterrado. E, se a terra render mais do que se poderá gastar na missa, manda que tal se use na dita capela e seus ornamentos. Infelizmente, a catástrofe que destruiu Vila Franca do Campo, então capital dos Açores, com sismos e derrocadas de terras, em 22 de outubro de 1522, causou milhares de mortos e fez desaparecer quase todos os seus edifícios. No entanto, a capela será reerguida pelo neto de Gonçalo Vaz Botelho, André Gonçalves de Sampaio (MELO, 2011: 95; RODRIGUES, 2008: 74).

A missa deveria dizer-se por alma de Nuno Gonçalves e de sua mulher. O seu filho, Jorge Nunes Botelho, foi encarregue da administração da missa, bem como de receber e aplicar as rendas da terra, e, daí em diante, por linha direita descendente.

Ao longo dos séculos, este vínculo, o mais antigo dos Botelhos e o da sua linha direta, acompanhará 13 gerações de morgados da família. O último administrador, falecido em 1879, viu ser decretada a reforma vincular e posterior extinção dos vínculos. No entanto, estas terras permanecerão na posse de descendentes diretos por mais 3 gerações, tendo finalmente sido vendidas por Dona Maria Isabel Botelho de Gusmão, minha Mãe. Era filha de Manuel Nuno Botelho de Gusmão, herdeiro do 1º Conde do Botelho. A venda foi efetuada por escritura datada de 14 de Agosto de 1943, a José Honorato Gago da Câmara de Medeiros (MELO, 2011: 94). A casa foi vendida vazia e a antiga e original pedra de armas da frontaria, do século XVIII, foi retirada, encontrando-se na posse dos descendentes de Dona Maria Isabel Botelho de Gusmão, bem como o arquivo e outros bens familiares. Após a venda, o aspeto das edificações e da propriedade foi muito modificado (DUARTE, 2012: 133).

Isabel Maria Botelho de Gusmão Dias Sarreira Cid da Silva

Coordenação: Maria de Lurdes Rosa e Rita Sampaio da Nóvoa

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARQUIVO DA FAMÍLIA BOTELHO DE GUSMÃO (AFBG), “Pública-forma do testamento de Nuno Gonçalves Botelho”.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (ANTT), Morgados e Capelas, Vínculos, Ponta Delgada, n.º 23.

DUATE, S. A. - *Pedras d’Armas e Armas Tumulares do Império Português*, tomo 1. Açores. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2012.

FELGUEIRAS GAIO - *Nobiliário de Famílias de Portugal*, tomo VII, Título Botelhos. Braga, 1938.

FRUTUOSO, G. - *Livro Quarto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977.

MELO, P. - “O 3º Visconde do Botelho e a «(con)sagração» de uma identidade familiar *in Insulana*. *Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*. 67 (2011), pp. 91-104.

MENDES, A. O. - *A descendência do 1º Visconde do Botelho Nuno Gonçalves Botelho de Arruda Coutinho e Gusmão (1813-1879)*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2018.

RODRIGUES, R. - *Genealogias de São Miguel e Santa Maria*. DisLivro Histórica, 2008.